

O PROFESSOR CRISTÃO E AS QUESTÕES SOCIAIS E POLÍTICAS

Bert B. Beach¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o envolvimento do professor cristão na política partidária a partir da tensão existente entre seu otimismo escatológico e sua emergente responsabilidade social.

Palavras-chave: Responsabilidade social. Política partidária. Cristianismo. Otimismo escatológico.

Abstract

This paper discusses the problem of the involvement of Christian teachers in partisan politics from the existing tension between eschatological optimism and his or her increasing social responsibility.

Key Words: Social responsibility. Partisan politics. Christianity. Eschatological optimism.

As explorações e injustiças sociais são comuns no mundo de hoje. Colossais problemas sociais, políticos e econômicos absorvem, cada vez mais, a atenção e os esforços do governo e da sociedade. Será que essas questões importam ao professor cristão? Será que a educação adventista tem uma obrigação social?

Algumas pessoas tendem a pensar que a igreja cristã tem pouca (ou nenhuma) responsabilidade social e certamente nenhum papel político a desempenhar. Outros insistem que a igreja tem incontestáveis responsabilidades políticas e que sua principal tarefa é melhorar o mundo e trabalhar pelo estabelecimento de

uma ordem social cristã e, eventualmente, pelo estabelecimento do reino de Deus na terra.

O EXEMPLO E OS ENSINAMENTOS DE CRISTO

Ao abordarmos esse dilema, o exemplo do maior de todos os professores é, obviamente, de grande importância para os professores. Jesus falou muito pouco em termos de uma sociedade política à qual seus discípulos deveriam aspirar. Ele não alegou ser um reformador social. Ele não formulou nenhuma plataforma política sobre a qual a igreja poderia operar e conduzir seu programa. Ele recusou,

¹ **Bert B. Beach** era o diretor do Departamento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Associação Geral da IASD, nos Estados Unidos, quando escreveu este artigo, publicado originalmente, em inglês, no **The Journal of Adventist Education**: bertbbeach@msn.com (usado com permissão).

por exemplo, a ser o juiz nas disputas de propriedade e controvérsias dessa natureza (Lc 12:13-14).

As tentações de Jesus no deserto tiveram, de certa forma, uma natureza política. Além disso, Ele teve pelo menos três oportunidades de assumir o controle da sociedade por meio de uma espécie de golpe de estado: (1) a alimentação das multidões (Lc 9:13-17); (2) sua entrada triunfal em Jerusalém (Lc 19:30-44); e (3) a experiência da espada de Pedro no jardim do Getsêmani e as legiões angélicas que lhe estavam à disposição (Mt 26:51-53). Contudo, Jesus rejeitou engajar-se em cruzadas ou no zelotismo. Seu reino não era desse mundo.

Tendo dito isso, precisamos reconhecer a sensibilidade de Jesus para com profundas necessidades humanas. Os seus ensinamentos tiveram, inevitavelmente, uma significativa implicação socioeconômica. Em Lc 4:16-21 (uma citação de Is 61), Jesus apresentou a missão messiânica como sendo um empreendimento social: boas novas para os pobres, liberdade para os cativos, vistas para os cegos e liberdade para os oprimidos. A vida e o ministério de Cristo claramente mostram que esses aspectos do evangelho não deveriam ser interpretados como se referindo exclusivamente à pobreza, cegueira e opressão espirituais. De qualquer forma, as boas novas terão pouco significado se

forem isentas de uma dimensão social.

O conceito de que os ensinamentos de Jesus são irrelevantes para a formulação de uma ética social (porque Ele esperava que seu reino viesse logo) é altamente questionável. É verdade que seus ensinamentos não ofereciam um código completo de orientações éticas, mas eles certamente levavam seus seguidores na direção do amor e da subordinação mútua. “Sob todos os seus ensinamentos estava a simpatia que identificava Jesus com os desafortunados, os pobres e os oprimidos” (MATTHEWS, 1928, p. 49). “Nunca houve outro cujas simpatias fossem tão amplas e tão ternas; alguém que compartilhasse tantas experiências da humanidade...” (WHITE, 1903, p. 78). Na mesma proporção que Jesus interpretava sua missão com atos de amor, seus atuais seguidores precisam se concentrar em uma vida de bondade, realizando ações que sejam benéficas para os semelhantes (Tito 3:8) de sua comunidade local e da sociedade como um todo.

Através dos séculos, os fiéis discípulos de Jesus têm sentido a responsabilidade social pesar sobre seus ombros. Isso foi verdade no tempo do Novo Testamento e até o século XIX quando os pregadores norte-americanos anunciaram um evangelho pessoal, de salvação interior, mas também se preocuparam com os alcoólatras, os pobres, os indígenas discriminados e as mulheres oprimidas.

ELLEN WHITE COMO REFORMADORA SOCIAL

Ellen White foi um gigante na reforma social de sua época. Seus escritos revelam uma cativante consciência social. Por exemplo, ela expressava sua preocupação com os ébrios (WHITE, 1909, p. 172, 331, 338-339), com as vítimas da injustiça (WHITE, 1944, p. 372), aqueles que estavam fisicamente enfermos (WHITE, 1948, v. 3, p. 246), os que estavam mentalmente debilitados (WHITE, 1946, p. 344), os pobres (WHITE, 1948, v. 3, p. 182) e os deficientes visuais (WHITE, 1932, p. 232). Ela também sentia que era seu fardo ajudar os jovens, defendendo que responsabilidade maiores deveriam ser atribuídas aos jovens que houvessem cultivado suas faculdades (WHITE, 1948, v. 1, p. 481; v. 2, p. 570; v. 4, p. 620). Ela escreveu longamente sobre a reforma educacional para realizar “uma mudança permanente para melhor na sociedade” (WHITE, 1948, v. 3, p. 517-518). Embora ela desencorajasse o ativismo feminino (WHITE, 1930, p. 233), ele abraçou a causa da mulher oprimida (WHITE, 1913, p. 46, 49). Ela não sofria, contudo, das ilusões quixotescas comuns aos advogados do evangelho social segundo as quais o homem e suas instituições sociais são perfeitamente confiáveis. Ela estava bem ciente que “somente o evangelho da graça [de Cristo] pode curar os males que infestam a sociedade” (WHITE, 1941, p.

254). Os pioneiros da IASD partilhavam essa mesma visão.

O cristianismo não deveria ser visto como uma religião de indivíduos isolados ou de introversão impermeável; ele é uma religião social. Não se trata de anjos tangendo harpas nas nuvens. A vida cristã começa hoje e tem significado prático para este momento e este lugar. As virtudes cristãs têm implicações sociais. A adesão a Cristo significa compromisso com os irmãos e os semelhantes.

O DILEMA DA DUPLA CIDADANIA

É precisamente aí que o cristão se depara com um dilema: ele tem “cidadania dupla”. Ele pertence ao reino de Deus e ao reino dos homens. É nesse área da cidadania dupla que a responsabilidade social pode causar tensões e levar ao conflito entre a autoridade divina e a terrena.

Alguns adventistas do sétimo dia sentem pouca necessidade de envolvimento em sua comunidade. Eles veem sua responsabilidade exclusivamente em termos do “mundo vindouro”. Mas Deus amou *este* mundo “de tal maneira” e seu amor deve ser refletido em nossa vida e serviço em prol do semelhante.

O dilema da responsabilidade que mencionamos acima é enfatizado em Rm 13 e Ap 13. Enquanto Paulo exorta os cristãos a oferecerem serviço consciencioso ao Estado, porque é a

obrigação deste contribuir para a melhoria das condições de vida, João advoga a obediência a Deus quando o Estado propuser leis que escravizem o espírito e o corpo dos homens. Deve-se abrir mão da própria vida, mas não da consciência.

O perigo duplo, então, é que os cristãos readaptem o cristianismo como uma religião de escape ou refúgio, rodeada por uma capa de conservadorismo, ou alinhem a religião com as pressões da política ou do governo de tal forma que ocorra a politização do cristianismo.

TENDÊNCIAS HISTÓRICAS

O Novo Testamento contém algumas instruções sobre como lidar com variantes estruturas políticas e sociais. Ele contém nem tanto doutrina política e social quanto conselhos com respeito ao comportamento individual dos cristãos como cidadãos bem como exortações para que respeitem, obedeçam e orem por aqueles em posição de autoridade. Dessa forma, os cristãos primitivos não consideravam que sua fé tivesse um papel político ou social na construção ou transformação da comunidade ou de seu governo. Contudo, mil anos depois, na Idade Média, tanto o clero quanto os leigos sentiam que a igreja católica tinha a responsabilidade de estabelecer regras para a política e a economia.

Na época do Iluminismo (século dezoito), o conceito de uma separação

entre igreja e Estado começa a se impor. Cada vez mais, se sentia que a igreja não tinha jurisdição ou competência nos assim-chamados assuntos seculares. No entanto, a partir do fim do século dezanove, o pêndulo voltou a favorecer um maior envolvimento da igreja nas questões político-sociais. Cinco aspectos bem conhecidos dessa tendência atual são listados a seguir:

1. **O evangelho social.** Essa tendência teológica foi mais fortemente sentida na América do século XX. Ela reinterpreta os ensinamentos morais de Jesus e dos profetas do Antigo Testamento e tenta tornar o evangelho relevante ao aplicar essas normas morais aos problemas sociais que exigem solução.

2. **O ecumenismo secular.** Esse ramo do ecumenismo objetiva não apenas a unidade cristã, mas também a unidade de todos os seres humanos a serviço do mundo.

3. **A diaconia.** Aqui, a ênfase é posta nas dimensões de serviço do cristianismo em ajudar a construir uma nova sociedade socialista. Esse movimento é encontrado principalmente na Europa oriental.

4. **A teologia da esperança.** Associada com Jürgen Moltmann, essa filosofia apresenta uma visão otimista dos eventos futuros, construída em torno do tema da esperança. De acordo com essa perspectiva, a revolução pode mudar o curso da história, e a mensagem cristã

é a da esperança revolucionária para a sociedade de hoje e não apenas para o mundo após a segunda vinda de Cristo.

5. A teologia da libertação. A fé cristã e sua relevância política são interpretadas à luz da análise social marxista. Deus é o libertador daqueles que são social e economicamente oprimidos. Essa filosofia é encontrada principalmente na América Latina.

Este maior envolvimento da igreja nas questões sociopolíticas pode-se provar uma tendência perigosa. Ele tende a eclipsar o evangelho salvífico central em favor do evangelho social periférico. A salvação dos seres humanos do pecado é negligenciada; a salvação das consequências do pecado (como fome, racismo, subdesenvolvimento e exploração) é enfatizada. Vê-se o novo nascimento do indivíduo como um vestígio pietista dos reavivamentos de outrora. A ênfase cai agora na reestruturação da sociedade em vez de na criação de um novo povo.

Nunca deveríamos nos esquecer que, mesmo que fosse possível, por meio de uma fórmula sociopolítica mágica, criar um mundo utópico onde cada homem, mulher e criança tivessem alimentação adequada, casas confortáveis, agasalhos suficientes e empregos dignos, de que lhes adiantaria ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Longe de Deus e de seu governo não pode haver sociedade justa,

paz ou felicidade duradoura e verdadeira autorrealização.

AS RAÍZES DO CONCEITO DE “REINO DE DEUS SOBRE A TERRA”

Os ativistas do evangelho cristão sociopolítico geralmente desejam criar o reino de Deus na terra. A base desse conceito não é encontrada nas vertentes autênticas do cristianismo, mas na utopia humanística que deseja a união entre igreja e Estado bem como no transformacionalismo social darwiniano e no sonho marxista de uma sociedade sem Estado e sem classes.

Em toda a história americana, tem havido uma corrente subentendida de pensamento que tem atribuído um papel especial aos norte-americanos no estabelecimento do reino de Deus na terra. Esse conceito foi nutrido pela concepção calvinista e puritana da “relação de concerto” e pelo pós-milenarismo. De acordo com essa perspectiva, os Estados Unidos devem ser uma luz para o mundo.

Contudo, os evangelhos claramente indicam que o reino de Deus não ocorre em um paraíso terreno construído pelos homens como instrumentos da vontade divina. Jesus não estava preocupado em estabelecer o reino de Deus, mas em preparar os homens para que pudessem entrar nele. O reino está associado com o juízo divino e a superação dos reinos terrestres por meio da intervenção divina (2 Pe 3:10-11). A justiça de Deus (e não a

justiça dos homens) será vindicada.

Embora Cristo tenha vencido o mundo e o triunfo final do reino de Deus seja garantido, o governo de Cristo de forma alguma significa que Satanás não mais seja o príncipe deste mundo ou que a terra já tenha sido ou esteja gradualmente sendo restaurada. Isso de forma alguma garante que os seres humanos e este mundo já tenham recebido uma expressão plena da autoridade de Deus.

EVANGELISMO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Tendo em vista a atual inclinação para o envolvimento social da igreja, pode-se perguntar: - Qual é a relação entre evangelismo e responsabilidade social? No momento presente, nós vemos uma polarização das perspectivas concernentes à missão cristã. A perspectiva tradicional considera evangelismo como um sinônimo de missão enquanto que a perspectiva ecumênica contemporânea vê a missão primariamente como uma renovação social que tem que ver com as estruturas da sociedade e que tem por objetivo certa harmonia social. Essa segunda perspectiva geralmente deixa pouco espaço para o evangelismo.

A visão bíblica de missão contempla o serviço em palavra e ação. Nessa concepção de serviço nós encontramos uma síntese de evangelismo e atividade social. Stott (1975, p. 26-27) concebeu três

formas de relacionar o envolvimento social com o evangelismo:

1. a ação social como meio de evangelizar;
2. a ação social como um aspecto ou parte do evangelismo;
3. a ação social como atividade paralela ou um parceiro do evangelismo.

A terceira perspectiva parece bastante correta. É preciso de evangelismo e de responsabilidade social. Embora se apoiem mutuamente, trata-se de aspectos separados da missão. Enquanto o evangelismo deve sempre ser a responsabilidade mais abrangente, a prioridade imediata pode diferir.

Qual era a mais premente necessidade do viajante gravemente ferido na estrada de Jericó? Será que ele necessitava mais de um estudo bíblico? Claro que não! Ele necessitava de imediata atenção médica. Enquanto que os professores cristãos devem sempre enaltecer a obra evangelística diante de seus alunos, eles também precisam inspirar neles o desejo de se envolver como voluntários a fim de aliviar as principais necessidades de sua comunidade.

Os professores adventistas devem ser plantadores de sementes, não apenas denunciadores de pecados. Eles devem semear sementes de amor, boa vontade, bondade, paz, justiça, temperança, saúde e dignidade. Tome-se como exemplo a

questão vital de uma sociedade justa, livre e pacífica. Embora essa sociedade nunca vá ser uma realidade material antes da segunda vinda de Cristo, é uma missão dos professores cristãos dar testemunho da vinda de tal sociedade verdadeiramente revolucionária ao se levantarem *agora* pela justiça, igualdade, fraternidade e paz. A Bíblia afirma: “a verdadeira justiça é a colheita ceifada pelos pacificadores a partir das sementes semeadas num espírito de paz” (Ti 3:18). Esse testemunho dos professores deve encontrar demonstração em sua vida e exemplo à medida que lidem com as realidades dinâmicas da existência em comunidade.

O PROFESSOR CRISTÃO E A POLÍTICA

Há pouca dúvida que os professores adventistas devem ser bastante circunspectos no que diz respeito à atividade política. Eles podem querer levantar questões, enfatizar princípios morais e desafiar seus alunos a refletir sobre as principais dificuldades que a sociedade enfrenta. Devem, contudo, se abster do uso da sala de aula para se identificar com partidos políticos ou para apoiar suas plataformas e políticas.

Ellen White declara de forma bastante categórica que os professores de religião “não desfrutam da liberdade de se unirem para revelar seus preconceitos ou predisposições em relação aos políticos ou suas decisões” (WHITE, 1923, p. 475,

477) e que os professores obcecados pela política não deveriam continuar em sua responsabilidade educacional (WHITE, 1923, p. 475). Ela apresenta várias razões para isso: (1) os professores deveriam se concentrar na tarefa que lhes foi dada sem se distraírem pelo envolvimento em batalhas na arena política; (2) há risco de que tal envolvimento cause divisão, disputas, discórdia e mesmo cismas na igreja; (3) a política exalta o caráter e a obra de líderes políticos, mas os professores cristãos devem exaltar o Senhor; e (4) não é possível saber o que um candidato realmente fará depois de eleito – alguns podem mesmo usar seu cargo político para suprimir a liberdade religiosa (WHITE, 1923, p. 475-484).

Essa circunspeção deve ser a regra para o professor cristão. Sem ter um papel ativo na política dos partidos, ele ou ela deve falar quando o assunto tiver repercussão claramente moral. Deve também permanecer firme em favor dos direitos individuais e da liberdade religiosa.

Pode até parecer que o cristão deve ser alheio à política. Não obstante, o professor cristão deve desempenhar um papel positivo nos assuntos públicos. O palco do amor é o mundo. Os professores cristãos não podem voltar as costas ao mundo por causa de sua pecaminosidade. Eles não podem se eximir do mundo e de sua responsabilidade humana. Os professores adventistas não devem

viver em um “enclave escolástico”, mas devem tentar, como sal e luz, permear e influenciar a sociedade não cristã, a fim de atrair homens e mulheres para Cristo. Naturalmente, como indicado antes, a preocupação social não deve ser entendida como sendo idêntica ao evangelismo. Além disso, certamente responsabilidade social e evangelismo não são dimensões mutuamente excluídas.

Os educadores adventistas têm um papel social a desempenhar. Por vezes, isso pode parecer um trabalho de Sísifo e os melhores resultados podem se assemelhar àqueles de um homem que tenta esvaziar um barco que tem um furo no casco. Os professores adventistas não devem, contudo, fracassos eventuais e a sensação de impotência torná-los espectadores cínicos ou indiferentes ao

cenário sociopolítico. Também não devem consentir em se tornar dom quixotes à espera de uma utopia evolucionista, imaginando que os esforços humanos serão capazes de produzir uma panaceia definitiva.

O professor cristão buscará preservar a sociedade, mas também lançará luz sobre os ângulos mais escuros da vida em comunidade que necessitam de solução e transformação. O professor cristão tentará inspirar seus alunos a agirem da mesma forma de modo a acender as lâmpadas do envolvimento social em vez de simplesmente denunciar a escuridão do mundo. O professor adventista é animado por suas esperanças escatológicas, mas ele tem preocupação social. É por isso que ele pode fazer das palavras “vem, Senhor Jesus” (Ap 22:20) a sua prece.

REFERÊNCIAS

MATTHEWS, Shailer. **Jesus and social institutions**. New York: Macmillan, 1928.

STOTT, John R. **Christian mission in the modern world**. D. Grove, ILL: University Press, 1975.

WHITE, Ellen G. **Education**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1903.

_____. **The ministry of healing**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1909.

_____. **Patriarchs and prophets**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1913.

_____. **Fundamentals of Christian education**. Nashville, TENN.: Southern, 1923.

_____. **Messages to young people**. Nashville, TENN: Southern, 1930.

_____. **Medical ministry**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1932.

_____. **Christ's object lessons**. Washington, D.C.: Review & Herald, 1941.

_____. **Testimonies to ministers**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1944.

_____. **Evangelism**. Washington, D.C.: Review & Herald, 1946.

_____. **Testimonies for the church**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.

_____. **Welfare ministry**. Washington, D.C.: Review & Herald, 1952.